

SISTRO: MITO E MÚSICA NO EGITO ANTIGO*

Antonio Brancaglioni Jr.**

Resumo:

O sistro é, ao mesmo tempo, um instrumento musical e cerimonial associado a Háthor - deusa da música, do erotismo, da fertilidade e da regeneração sexual. A função do sistro era a de marcar o ritmo dos cânticos e hinos, e também de permitir a invocação dos aspectos benéficos da deusa, afastando a sua forma ameaçadora de Sekhmet. Este artigo apresenta o simbolismo associado a esse instrumento musical ligado à regeneração e ao estímulo sexual.

Palavras-chave: Egito antigo, Religião egípcia, Háthor, erotismo, música.

A música era parte fundamental dos rituais religiosos e funerários no Egito antigo. Juntamente com o canto e as recitações de hinos, a música promovia a presença divina em seu aspecto mais positivo, apaziguando e afastando as forças temíveis e indesejáveis que porventura poderiam manifestar-se durante os rituais.

De todos os instrumentos musicais utilizados pelos egípcios, sem dúvida, o mais característico foi o sistro.¹ Embora possa ser considerado um instrumento de percussão presente nos festivais dos templos, provavelmente para dividir as frases dos cânticos, o sistro desempenhou um papel que vai além de simples instrumento musical. Seu uso e os contextos aos quais se associa conferem-lhe a função de um objeto votivo ligado ao culto à deusa Háthor

* Recebido em 07/01/2013 e aceito em 31/03/2013.

** Professor e coordenador do Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador visitante no Institut Française d'Archeologie Orientale du Caire. Membro do International Council of Museums (Icom) e do International Committee for Egyptology (Cipeg).

e seus aspectos específicos de Nebet-Hetepet e Iusaas. No entanto, foi também associado às deusas identificadas como filhas do deus Sol, como Sekhmet, Mut e Ísis, além de Bastet, Anukis, Nehemetawy e Thoueris. A partir do Novo Império, foi usado também em cultos de divindades masculinas, particularmente Amun, mas também Osiris, Hórus e Rê-Horakhty.

O sistro aparece nas mãos dos reis, rainhas, princesas, divinas adoradoras, cantoras e divindades ligadas à música como Meret e Ihy, mas é a partir do Novo Império que se torna o símbolo das mulheres da elite que atuavam como cantoras (*shemayit*), e cantoras solistas (*hesyt*), que marcavam o ritmo dos cânticos e hinos com seu auxílio. Tais cantoras faziam parte de grupos musicais ligados aos templos e ao palácio (*khener*) (ROBINS, 1995, p. 145-149).²

No último conto do Papiro Westcar, as deusas Ísis, Néftis, Meskhenet e Heket aparecem disfarçadas de musicistas tocadoras de sistro (Brancaçlion; Facuri, 2010, 124-127). A partir do reinado de Amenhotep III (c. 1387 a.C.), as rainhas passam a ser representadas segurando os dois tipos de sistros, um em cada mão; outras vezes, a rainha agita o sistro-naos com uma das mãos e um feixe de papiros com a outra, ou segura o colar-menat (LEBLANC, 2009, fotos 25, 223, 322 e 332).

Os egípcios possuíram duas formas distintas de sistro, comumente designadas sistro-naos e sistro-laço, também chamado de sistro-em-fita.³ A forma mais antiga parece ser a do sistro-naos, denominado em egípcio sistro-*sesheshet*,⁴ provavelmente uma onomatopeia do som produzido pelo instrumento. O exemplar mais antigo é datado da VI dinastia, feito em alabastro, dedicado a Háthor em Dendera pelo faraó Teti (c. 2345 a.C.) (ARNOLD, 1999, p. 124-125).⁵

Feitos, em sua maioria, em faiança, alabastro, prata, bronze e madeira, eram formados por uma haste cilíndrica terminada em uma umbela em formato de feixe de papiros, sobre a qual está um pequeno edifício em formato de pilono. A partir do Médio Império, esse tipo de sistro se harmoniza com a “máscara de Háthor”, tomando o aspecto definitivo com o rosto bifrontal⁶ de Háthor com orelhas de vaca, uma peruca elaborada e um colar floral. Sobre a peruca, há um *modius* com um pequeno edifício em formato de fachada de capela ou pórtico de pilono, de onde deriva o nome sistro-naos (Fig.1).

De cada lado da edícula, havia uma haste terminada em voluta, sendo o formato do par aparentemente originado dos chifres da cabeça de Bat-Háthor. Podia trazer elementos decorativos aplicados sobre o topo ou entre o espaço interno do pilono, com figuras de *ureus*, gatos, abutres, lótus e Bés. No espaço formado

pela entrada da capela, havia furos transversais (2 ou 3) onde barras de metal, contendo pequenos discos metálicos, eram fixadas, formando uma espécie de pequenos cimbaus. Esse tipo de sistro foi usado até o período romano, desaparecendo por um curto período de tempo durante o período amarniano. Sua forma foi transposta para as colunas dos templos e santuários dedicados a Háthor.⁷



Fig.1 Sistro-naos em faiança
c. 305 a.C.
The Metropolitan
Museum of Art

A outra forma é o sistro-laço, em egípcio *sistro-sekhem*,⁸ que significa “poderoso”. Mencionado em textos do início do Antigo Império, eram feitos, em sua grande maioria, em metal.⁹ Sua forma data da XVIII dinastia, um cabo cilíndrico terminando no rosto bifrontal da máscara de Háthor com o laço ou fita fixado no *modius*. Essa forma possuía três perfurações de cada lado da fita que formava o laço, por onde passavam barras de metal, às vezes em formato de serpentes, com discos soltos (Fig.2). Foi usado até a chegada do cristianismo, sendo bastante difundido por todo o império romano devido a sua ligação com o culto de Ísis. Durante o período amarniano, os sistros-laço foram destituídos do rosto de Háthor, retornando depois à sua forma tradicional.¹⁰



Fig.1 Sistro-naos em faiança
c. 305 a.C.
The Metropolitan
Museum of Art

A analogia entre a forma do sistro-laço com o sinal hieroglífico da vida, *ankh*, aparece nas tumbas do Novo Império. As mulheres o carregam pela parte superior do laço trazendo-o junto ao corpo, de uma forma muito semelhante às representações das deusas trazendo o *ankh* (SHEDID, 1996, 34 e 76). A analogia simbólica do sistro-laço com o símbolo da vida é também expressa nas cenas de banquete funerário, nas quais ele é colocado diante do rosto do morto por uma jovem, em geral sua filha.¹¹ Além de sua forma, o sistro-laço, está associado às qualidades regeneradoras e revigorantes, por isso a sua deposição em tumbas e a sua representação em frisos de caixões (JÉQUIER, 1921, p. 79).

O sistro está ligado à cerimônia “Sacudir o Papiro para Háthor” (DUNHAM, 1974, fig.4),¹² que deve ter sido celebrada desde tempos muito remotos, pois já é mencionada nos “Textos das Pirâmides”.¹³ As origens e

os objetivos desse ritual ainda não são completamente claros, mas, ao que tudo indica, ele parece ter como objetivo a invocação da deusa Háthor pelo “chacoalhar”, ou arrancar feixes de papiros produzindo um som “sussurrante” semelhante ao provocado pelo sistro. Portanto, o sistro desempenharia a função de invocador da presença da deusa reproduzindo artificialmente o som dos papiros.

Essa cerimônia relembriaria o episódio mítico segundo o qual Háthor se refugiara nos pântanos de *Khemmis*¹⁴ com o seu filho Hórus, protegendo-o de seus inimigos. Como o agitar do papiro, o som do sistro evocaria a proteção da deusa, assim como protegera o filho Hórus no mito. Esse som, presumivelmente, também acalmaria a deusa, afastando o perigo daqueles que viviam nos pântanos, como os pescadores, os pastores e os fazendeiros (YOYOTTE, 1960, p. 25-27).

Háthor, em sua forma de sistro-naos, representa a deusa Nebet-Hetepet (VANDIER, 1964-6), cujo nome significa “Senhora do Prazer”. Em seu aspecto erótico dinâmico, ela é personificada pela deusa Iusaas, cujo nome significa “Ela vem e (ele) cresce”. Ambas as formas de Háthor já estão presentes nos “Textos das Pirâmides”,¹⁵ identificadas com a “Mão Divina” do deus Atum.

Em um episódio mítico, o deus criador Atum (Rê) masturbou-se para criar o mundo, transformando a sua mão em seu complemento feminino sob a forma da deusa Djerite, “A Mão Divina”. As mãos do Criador são identificadas ao sistro.¹⁶ No Templo de Hibis,¹⁷ Háthor Nebet-Hetepet é representada como um sistro cujo cabo é formado por uma mão que segura um falo (ROBERTS, 1995, fig. 144). Por conseguinte, o sistro incorporaria um princípio criativo feminino associando a sexualidade à criação e ao renascimento.¹⁸

Em Tebas, a partir da XVIII dinastia, as Esposas do Deus e as Divinas Adoradoras, cuja função sacerdotal é estimular a regeneração do deus Amun, são chamadas “aquelas com belas mãos quando seguram o sistro” (GITTON, 1984), fazendo uma alegoria entre o ato de agitar o sistro e a masturbação. A regeneração pelo estímulo sexual é importante tanto na renovação cósmica quanto no renascimento dos mortos no Pós-Vida, tratados como homólogos ao mecanismo de reprodução humana. A presença do sistro e o som que ele produz eram também entendidos como um sinal de júbilo e alegria, usados na recepção de Sinuhe ao retornar de seu exílio.¹⁹

No mito do “Olho de Rê”, o som do sistro aparece como uma forma de apaziguar a deusa Háthor, transformando-a da violenta e furiosa leoa Sekhmet na doce e gentil gata Bastet, o que explicaria as imagens de gatos em sistros. Plutarco, em seus relatos, afirma que os egípcios agitavam os sistros com o propósito de “afastar Tifon” (PLUTARQUE. *Isis et Osíris* 63). A máscara bifrontal de Háthor nos sistros pode representar os dois aspectos da deusa: o gentil e benevolente, e o cruel e destruidor, descritos no mito da “Deusa Distante” (PINCH, 1993, 135 ss).

Os sistros também são usados por Shu e Thoth²⁰ para trazer Háthor, em seu aspecto de “Olho de Rê”, da Núbia de volta ao Egito. No templo de Háthor em Dendera, os sistros são descritos como: “sistro-*sesheshet* que apaga a tua fúria e o sistro-*sekhem* que afasta a tua violência” (DAUMAS, 1970, p. 68). Nos templos, os dois tipos de sistro eram ofertados como forma de apaziguar e agradar a deusa Háthor. Embora alguns exemplares sejam de particulares, a grande maioria é de doação real, trazendo o nome dos reis gravados nos cabos. A oferta de sistros em templos parece ter sido uma prática desde o Antigo Império até o período ptolomaico contudo, o maior número de sistros doados por reis ocorre durante o período saíta (DELANGE, 2001, p. 106).

Embora como objeto funerário o sistro ainda não tenha merecido estudo específico, é significativo o fato de ele ser um dos objetos nas mãos de algumas *shabtis* (REYES, 1990, p. 325), e de modelos de sistros e amuletos (ANDREWS, 1994, 82b-d) serem depositados em tumbas. Háthor era “Aquele que Preside o Ocidente” ou Háthor Khenti(t)-Imentete (ou Nebet-Imentete) “Senhora do Ocidente”,²¹ responsável por acolher o morto em sua chegada ao Mundo dos Mortos e anunciar o seu renascimento como um Osíris. Em Tebas, era representada por uma novilha com um sistro-laço ao redor do pescoço, diante da necrópole.

Como uma lembrança dos antigos rituais faraônicos, o som do sistro pode ser ouvido ainda hoje na liturgia da igreja copta, principalmente na Etiópia, quando o sacerdote agita o *tsanatsel* (ou sanasel) voltando-se para os quatro pontos cardeais, marcando a presença de Deus no recinto sagrado.

SISTRUM: MYTH AND MUSIC IN ANCIENT EGYPT

Abstract: The sistrum is both a musical and ceremonial instrument associated with Hathor - goddess of music, eroticism, fertility and sexual regeneration. The function of the sistrum was to beat the rhythm of the songs and hymns, and also allow the invocation of the beneficial aspects of the Goddess, repulsing her threatening form as Sekhmet. This article presents the symbolism associated with this musical instrument, which is linked to regeneration and to sexual stimulation.

Keywords: Ancient Egypt, Egyptian Religion, Hathor, Erotism, Music

Referências bibliográficas

Documentação textual

PLUTARQUE. **Isis et Osiris**. Trad. Mario Meunier. Paris: Guy Trédaniel Éditions de la Maisnie, 1987.

Bibliografia

ANDREU, Guillemette (et alii). **Les Artistes de Pharaon**. Deir el-Médineh et la Vallée des Rois. Paris: RMN, 2002.

ANDREWS, Carol. **Amulets of Ancient Egypt**. London: British Museum Press, 1994.

ARNOLD, Dorothea. **When the Pyramids were Built Egyptian Art of the Old Kingdom**. New York: Metropolitan Museum of Art, 1999.

BRANCAGLION, Antonio Junior; FACURI, Cintia Prates. Os contos do papiro Westcar: Papiro Berlim 3033. **Tiraz**, São Paulo, n.VII, p. 113-161, 2010.

CAUVILLE, Sylvie. **Le Temple de Dendera**. Guide Archéologique. Le Caire: Ifao, 1990.

DAUMAS, Françoise. Les Objets Sacrés de la Déesse Hathor a Dendara. **Revue d'Égyptologie**, Paris, n.22, p. 63-78, 1970.

DELANGE, Elisabeth. **O Egito faraônico terra dos deuses**. São Paulo: Masp-Louvre-Casa França Brasil, 2001.

DESROCHES-NOBLECOURT, Christiane. **Amours et Fureurs de la Lointaine**. Clés pour la compréhension de symboles égyptiens. France: Éditions Stock-Pernoud, 1995.

DUNHAM, Dows. **The Mastaba of queen Mersyankh III, G 7530-7540.** Boston: Museum of Fine Arts, 1974.

FISCHER, Henry George. The Cult and Nome of the Goddess Bat. **Journal of the American Research Center in Egypt**, Cairo, n. 1, p. 7-18, 1962.

GITTON, Michel. **Les Divines Épouses de la 18e dynastie.** Paris: Université de Besançon, 1984.

HICKMANN, Hans. **45 Siècles de Musique dans l'Égypte Ancienne.** Paris: Richard Masse, 1956.

JÉQUIER, Gustave. **Les frises d'objets des sarcophages du Moyen Empire.** Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1921.

JÉQUIER, Gustave. **Considérations sur les Religions Égyptiennes.** Suisse: A la Baconnière, 1946.

KOZLOFF, Arielle et alii. **Aménophis III.** Le Pharaon-Soleil. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1993.

LEBLANC, Christian. **Reines du Nil au Nouvel Empire.** Paris: Bibliothèque des Introuvables, 2009.

MANNICHE, Lise. **Music and Musicians in Ancient Egypt.** London: British Museum Press, 1991.

MEEKS, Dimitri. **Mythes et Légendes du Delta d'après le papyrus Brooklyn 47.218.84.** Le Caire: Ifao, 2008.

PINCH, Geraldine. **Votive Offerings to Hathor.** Oxford: Griffith Institute/Ashmolean Museum, 1993.

HAYES, William C. **The Scepter of Egypt.** A Background for the Study of the Egyptian Antiquities in The Metropolitan Museum of Art. II the Hycsos Period and the New Kingdom (1675-1080 BC). New York: Abrams, 1990.

ROBERTS, Alison. **Hathor Rising.** The Serpent Power of Ancient Egypt. Great Britain: Northgate Publishers, 1995.

ROBINS, Gay. **Reflections of Women in the New Kingdom.** Atlanta: Michael C. Carlos Museum, 1995.

SHEDID, Abdel Ghaffar; SEIDEL, Matthias. **The Tomb of Nakht.** The art and history of an eighteenth dynasty official's tomb at western Thebes. Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1996.

STAFFORD-DEITSCH, Jeremy; JAMES, T.G.H. **The Monuments of Ancient Egypt.** London: The British Museum Press, 2001.

VANDIER, Jacques. **La Religion Égyptienne**. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.

_____. Iousâas et (Hathor)-Nébet-Hétépet. **Revue d'Égyptologie**. Paris, n.16, p. 55-146, 1964.

_____. Iousâas et (Hathor)-Nébet-Hétépet. **Revue d'Égyptologie**. Paris, n.17, p. 89-176, 1965.

_____. Iousâas et (Hathor)-Nébet-Hétépet. **Revue d'Égyptologie**. Paris, n.18, p. 67-142, 1966.

YOYOTTE, Jean et alii. **Les Pèlerinages** (Sources Orientales III). Paris: Éditions du Seuil, 1960.

Notas

¹ Do grego “agitar”.

² No período ptolomaico, o sistro é praticamente de uso exclusivo das rainhas.

³ Segundo Jéquier (1946, p. 207-209), a existência de dois sistros ligados à deusa Háthor seria porque o sistro-naos teria se originado em Dendera, enquanto o sistro-laço, em Hu.

⁴ A palavra *sesheshet*, usada para o sistro, aparece nos “Textos das Pirâmides” (Pyr. 712) como verbo que designa a “abertura dos ouvidos do morto”, em oposição a outros verbos empregados para a abertura da boca e do nariz.

⁵ O sistro-naos também aparece representado em mastabas do Antigo Império (FISCHER, 1962, p. 7-18).

⁶ A máscara de Háthor parece ter derivado do símbolo Bat. Desde Pyr.1096b, a deusa Bat é referida como “Com suas duas faces”. Existe a tendência de considerar a coluna Hathórica, as máscaras de Háthor e o símbolo de Bat como sistros, dificultando a definição dos contextos em que cada um destes elementos aparece. A máscara de Háthor também aparece em espelhos a partir do Médio Império.

⁷ O templo de Háthor em Dendera, chamado de “Morada do Sistro”, possui um pronaos formado por 24 colunas em formato de sistro-naos representando a presença da deusa nas 12 horas do dia e da noite (STAFFORD-DEITSCH, 2001, p. 70).

⁸ No período ptolomaico, os nomes *sesheshet* e *sekhem* foram usados sem distinção quanto à forma. Os sistros também foram designados nos templos dos períodos tardios como *debehu*, “objetos de culto”, e como *ueret-heka*, “grande de magia”, outro nome usado para designar as duas formas de sistro (Wb IV, p. 251-252).

⁹ São conhecidos exemplares em faiança e madeira, a maioria simulacros (ANDREU, 2002, n.67).

¹⁰ Os sistros, embora mantidos no culto a Aton, deixam de trazer o rosto da deusa, como nos dois exemplares encontrados no tumba de Tutankhamon (nº. 75, 76) e nos relevos em que Akhenaton adora o disco solar (Cairo JE 20.11.264).

¹¹ Tumbas de Menna TT69 e Rekhmire TT100.

¹² Representações desta cerimônia tornaram-se também populares como tema de “colheres cosméticas” (KOZLOFF, 1993, n. 80).

¹³ Pyr. 388.

¹⁴ Sobre o papel de Khemmis e sua provável localização (VANDIER, 1949, p. 68-69).

¹⁵ Pyr. 1248.

¹⁶ CT IV 183h, VI 376n.

¹⁷ Localizado no Oásis de Khaga, datado da XXVII dinastia.

¹⁸ A mão do Deus Criador transformada em vagina e identificada com o sistro (ME-EKS, 2008, p. 192-197).

¹⁹ Sinuhe B268-269.

²⁰ Thoth é representado como um macaco-*vervet* trazendo um sistro para Háthor no templo núbio de Dakke (Desroches-Noblecourt, 1995, 113).

²¹ Representada na vinheta do Capítulo 186 do **Livro dos Mortos**.